

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Marciliane da Silva Maciel

**PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A AULA-PASSEIO NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

Porto Alegre

2022

Marciliane da Silva Maciel

**PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A AULA-PASSEIO NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

Trabalho de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Luciane Bresciani
Lopes

Porto Alegre

2022

Marciliane da Silva Maciel

**PERCEPÇÕES DOCENTES SOBRE A AULA-PASSEIO NA PRÁTICA
PEDAGÓGICA**

Trabalho de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: 09 de maio de 2022.

Prof^a. Luciane Bresciani Lopes (Orientadora)

Prof^a. Liliane Ferrari Giordani (FACED/UFRGS)

Prof. Evandro Alves (FACED/UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Gratidão!

Poder agradecer é um sentimento valioso, pois através desse agradecimento, posso me expressar e demonstrar em palavras os momentos e as pessoas especiais que estarão marcadas eternamente no meu coração.

Não poderia começar esse agradecimento sem citar os nomes de alguns colegas/amigos que ganhei no meu local de trabalho, na Associação Hospitalar Vila Nova. Esses nomes que citarei, me incentivaram, me escutaram e me ajudaram a subir cada degrau da realização de um sonho, entrar na UFRGS e cursar o curso que sempre sonhei: PEDAGOGIA.

Primeiramente, agradecendo imensamente ao Dr. Lindomar Antonio Possa. Lembro perfeitamente do ano 2016, quando prestei meu terceiro vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e não tinha visto o meu nome no listão. Não era o curso que queria, havia feito para História, sim, pensei em cursar História, porque era noturno e poderia conciliar com o meu trabalho. Então, em uma tarde com a emergência lotada, na saída de uma paciente do seu consultório, entrei e troquei um minutinho de prosa com ele, comentei que não tinha passado e que queria muito cursar Pedagogia na UFRGS, mas tinha medo de mais uma vez não ver o meu nome na lista, medo de ficar velha e não me formar logo. Queria trabalhar com o que realmente acreditava ser a minha missão, queria ser professora. Dr. Lindomar abriu um sorriso e me aconselhou: “baixa a cabeça e estuda, mas para o curso que tu realmente quer”. Quando saiu o meu nome no listão do vestibular de 2017, logo lembrei do conselho dele, “estuda que tu vai passar” e hoje estou aqui, finalizando o meu TC.

Nessa jornada não poderia deixar de agradecer a minha chefe, Assistente Social, Lenise Martini. A tenho como inspiração, ela é o exemplo de mulher forte, corajosa. Sua história de vida, parecida com a minha, me inspirou a não temer as adversidades da vida. Tenho muito orgulho de ter uma chefe, mulher, na liderança do setor em que trabalhei.

Agradeço a ele que atendeu o meu pedido, Dr. Dirceu Beltrame Dalmolin, Diretor do Hospital Vila Nova. Lembro de estar na frente do consultório dele com a Lenise, contando sobre a minha conquista do vestibular, ele com um coração generoso, liberou a troca do meu horário de trabalho para poder conciliar os estudos. Na mesma ocasião me contou suas histórias de universitário da UFRGS.

Agradeço a Vivian F, nutricionista do hospital. Em muitos momentos do meu intervalo de almoço, me ajudava com as redações para o temido vestibular. Sempre com conselhos e palavras de motivação para seguir firme, uma irmã mais velha que a vida me deu.

Muitas pessoas me ajudaram a trilhar esse caminho, às minhas amigas da faculdade que me apoiaram muito, Jossana, Natiele, Aline e Dyuli. Um agradecimento especial a Jossana Giron, que por muitas manhãs me ligava cedinho para me ajudar a ter forças para sair da cama. Em alguns semestres achei que não conseguiria conciliar a jornada de estudo pela manhã, das 07h30 às 12h e o trabalho das 13h às 23h. Faço questão de colocar esses horários, pois por alguns anos tornou-se parte da minha jornada semanal, e a Jossana me acordava aos berros no telefone: “LEVANTAAA”. Nossos cafés no bar do Antônio com muita prosa e abraços de consolo.

Agradeço à minha mãe Silvana, por sempre acreditar nos meus sonhos. Aos 12 anos de idade, buscava a minha mãe no seu local de trabalho, ela trabalhou praticamente em todos os restaurantes do Bom Fim. Certa vez, passamos perto da FACED, perguntei a ela o que era aquele lugar, pois sempre havia muita movimentação por ali. Ela respondeu “lugar de pessoas inteligentes”. Quando pisei a primeira vez na FACED como aluna, lembrei da frase da minha mãe, e não consegui conter as lágrimas.

Agradeço a todos os(as) professores(as) da Escola Municipal Wenceslau Fontoura de Porto Alegre. Esse trabalho só está sendo realizado, porque vocês me mostraram um mundo incrível, dentro e fora da Escola. Levo para sempre no coração a minha primeira professora do Ensino Fundamental, professora Cinthia. Docentes que me inspiraram a seguir essa profissão linda, e que através da educação pode-se transformar a vida das pessoas.

Agradeço à minha querida professora orientadora maravilhosa, Luciane, que me acolheu desde o início, sua alegria e doçura nos nossos encontros virtuais me ajudaram a acreditar que era possível pesquisar e escrever sobre o tema que escolhi. Sempre com disponibilidade e acolhimento nas suas palavras. Agradeço ao universo por você ser minha orientadora, ainda bem que existe docente como você na Universidade.

Agradeço de coração aos docentes Evandro Alves e Liliane Ferrari Giordani por terem aceitado o convite para participar da minha banca.

Agradeço com muito amor no meu coração ao meu namorado Yuri, sempre me ajudando, me confortando com suas palavras de amor e carinho. Obrigada meu amor, por sempre estar ao meu lado me apoiando com palavras e gestos de amor.

Obrigada!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral conhecer e analisar as percepções docentes sobre a aula-passeio na sua prática pedagógica. Como estratégia metodológica para a produção dos dados da pesquisa, foi elaborado um questionário virtual para que os professores e professoras, de diferentes redes e níveis de ensino, pudessem narrar suas percepções sobre a aula-passeio e a relação com a sua prática pedagógica. Como referencial teórico, utilizou-se as produções de Freinet e Freire, em razão da dedicação ao tema e da defesa de uma prática pedagógica democrática e emancipadora. A partir das análises das respostas dos professores, destacam-se: 1) que os significados/sentidos atribuídos ao termo “aula-passeio”, pelos docentes, trataram de demarcar o espaço externo à escola e como uma prática pode colaborar para a construção da autonomia dos alunos; 2) que a aula-passeio, da forma como é produzida nas escolas, se articula com os conteúdos desenvolvidos na sala como uma forma de vivência de algo novo que oportuniza uma relação com o mundo; e 3) a aula-passeio é, também, espaço de produção de memórias afetivas, de oportunidade de aprendizado, socialização e presença na sociedade. Neste sentido, promover a aula-passeio, a partir das discussões realizadas, se constitui como uma possibilidade de promoção do aprendizado significativo, na construção da emancipação cidadã e que requer investimentos políticos, culturais, na articulação com a prática docente.

Palavras-chaves: Aula-passeio; Prática docente; Autonomia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 ASPECTOS TEÓRICOS: REVISÃO DE LITERATURA E A PRODUÇÃO DA NOÇÃO DE AULA-PASSEIO	11
2.1 Estado do conhecimento: produções acadêmicas sobre a noção de aula-passeio	11
2.2 A aula-passeio na perspectiva de Célestin Freinet	16
3 A PESQUISA EM SEUS ASPECTOS METODOLÓGICOS	22
3.1 Produção dos dados: o questionário como ferramenta para uma pesquisa qualitativa ...	23
3.2 Caracterização dos participantes da pesquisa.....	26
4 ANÁLISE DOS DADOS: AULA-PASSEIO E A PRÁTICA DOCENTE	29
4.1 Significados/sentidos atribuídos ao termo “aula-passeio”	29
4.2 Aula-passeio e a prática pedagógica	34
4.3 Memórias afetivas como discente e/ou docente sobre uma aula-passeio.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	48
ANEXO I - LISTA COM ENDEREÇO DOS LOCAIS MENCIONADOS PELOS DOCENTES	51

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Curso (TC), se constitui em uma pesquisa qualitativa na qual busco investigar a percepção dos docentes sobre a aula-passeio e sua utilização como recurso pedagógico na prática docente. A escolha pelo tema de pesquisa tem relação estreita com a minha formação escolar, desde a infância, e acadêmica, agora como futura pedagoga.

Tratar de aula-passeio é discutir sobre o seu papel no planejamento pedagógico docente e na produção de relações sociais da criança com o mundo. Durante a minha trajetória escolar, eu frequentei uma escola municipal de Porto Alegre, que sempre proporcionou aos alunos inúmeras experiências para além da sala de aula, entre elas, o conhecido passeio escolar. Esses momentos, foram mais que momentos de recreação na minha infância, se constituíram como espaços de aprendizado, arrisco dizer que tornaram-se asas. Asas que nos transportam para longe da nossa realidade.

Quando pequena, eu não sabia o quanto frequentar diferentes lugares, como cinema, teatro, museus e zoológicos, me transformaria. Além disso, a articulação de propostas pedagógicas com tais espaços, marcaram a construção da minha emancipação como cidadã, despertando em mim o desejo de atuar na educação.

A escola tende a ser a primeira experiência com o mundo, ela é o que está fora de casa. Neste percurso pendular, descobrimos e nos descobrimos como sujeitos de uma sociedade. Assim, a escola é o primeiro espaço público de acesso livre para a criança frequentar e se apropriar. Muitos espaços culturais como museus, teatros, cinemas, parques entre outros espaços públicos e privados, o aluno acaba, muitas vezes, acessando através da escola, que consegue proporcionar atividades de aprendizado e lazer fora do prédio escolar.

Pesquisar sobre o tema aula-passeio, termo adotado na escrita deste trabalho a partir dos trabalhos de Freinet, é relembrar o gostinho de infância e reviver momentos tão únicos, vivenciados por mim, uma menina, que com seus 8 anos de idade, foi pela primeira vez ao cinema assistir *Tainá: uma aventura na Amazônia*. Pela primeira vez, através da escola, aprendi a usar a escada rolante do shopping, tive muito medo de cair, mas a professora logo percebeu e segurou a minha mão, mostrando que eu não estava sozinha. Aprendi sobre as regras de um patrimônio cultural como o museu, dei gargalhadas em uma peça de teatro e me encantei com a língua cinza da girafa do zoológico.

Pequenos fragmentos escritos, de experiências que somente pela e com a escola foram

possíveis de vivenciar. Segundo Elias (2001, p. 46), “os conhecimentos, as explicações, as lições só têm valor, se ligadas às experiências pessoais”. Esses momentos de aprendizado fora do ambiente escolar, me marcaram e me instigaram a vontade de querer fazer isso também, como futura professora.

Ter acesso a esses espaços, além de trazer uma interação da criança com o mundo para a sua socialização, também poderá ser uma construção de cidadãos que participam de forma democrática da sociedade a qual pertencem. Freinet afirmava que “[...] se uma das grandes finalidades da escola é formar os cidadãos do amanhã, a educação deve ser capaz de proporcionar elementos para alcançar uma maior independência de juízo, de deliberação e de diálogo construtivo” (FREINET, 2012, p.92 *apud* IMBERNÓN, 2022, 92).

Outrossim, pode ser uma metodologia a serviço dos docentes para a produção de memórias significativas a partir de uma temática proposta. Através das nossas experiências, podemos compartilhar espaços para serem explorados com os alunos, bem como, aprender e produzir, com nossos colegas, planejamentos a partir da utilização da aula-passeio, pensado em diversas possibilidades de explorar o mesmo espaço.

Este processo de compartilhamento entre docentes ajuda-nos a construir, como professores, uma união, além de fortalecer algo que acredito ser essencial em todas as relações humanas, principalmente nas relações educativas: a união e a socialização. Sobre esses processos de formação, Freire (2001) nos coloca a refletir sobre a práxis do ser professor:

Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social do que tomamos parte. Não nasci professor ou marcado para sê-lo, embora minha infância e adolescência tenham estado sempre cheias de “sonhos” em que rara vez me vi encarnando figura que não fosse a de professor. “Brinquei” tanto de professor na adolescência que ao dar as primeiras aulas [...] não me era fácil distinguir o professor do imaginário do professor do mundo real. E era feliz em ambos os mundos. Feliz quando puramente sonhava dando aula e feliz quando, de fato, ensinava (FREIRE, 2001, p. 40).

Este sonho de ser professora, como destaca Freire (2001) em suas palavras e como citei anteriormente, começou no Ensino Fundamental. Durante o meu desenvolvimento como aluna do ensino público, sempre compreendi que a escola e o docente têm um papel fundamental nas nossas vidas, principalmente quando passamos por momentos subjetivos, como o aprender através das experiências. Assim, buscando construir coletivamente para e com os alunos, ao saírem de suas realidades e se depararem em um mundo de muitas possibilidades, hipóteses e comprovações.

Apresentada as questões que tratam da minha relação com o tema, delimitei como pergunta de pesquisa a seguinte questão: **Quais as percepções dos docentes e o uso da aula-passeio como recurso na sua prática pedagógica?** Sendo essa a questão central da pesquisa, o objetivo geral consiste em conhecer e analisar as percepções docentes sobre a aula-passeio na sua prática pedagógica. Diante do objetivo geral, foram definidos os seguintes objetivos específicos: a) identificar a produção da noção de aula-passeio nas produções acadêmicas da área da Educação; b) analisar as narrativas docentes sobre a noção de aula-passeio; e c) verificar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas para a promoção de aulas-passeio.

Para isso, este TC está organizado em cinco capítulos. O primeiro é de introdução. No segundo, apresento as questões teóricas sobre o conceito de aula-passeio, a partir dos pressupostos teóricos do pedagogo francês Célestin Freinet e do educador Paulo Freire, bem como os trabalhos de outros debatedores que utilizam da produção teórica de Freinet. Célestin Freinet elaborou diversas propostas de trabalho definidas e aplicadas por ele na década de XX, onde afirma que a aprendizagem através da experiência seria mais eficaz, mas sempre com a cooperação da professora (FREINET, 1975).

Paulo Freire, patrono da educação brasileira, defende que a partir da realidade dos seus educandos é necessário problematizar a realidade para modificar as práticas escolares. Freire (2011, p. 141) propõe “uma educação aberta, democrática, que estimulasse nas crianças o gosto da pergunta, a paixão do saber, da curiosidade, a alegria de criar e o prazer do risco, sem o qual não há criação”. Neste sentido, trabalhar com o conceito de aula-passeio é pensar nas diferentes possibilidades de criação da/na educação.

No terceiro capítulo, apresento as questões metodológicas e a produção dos dados da pesquisa a partir da disponibilização de um questionário virtual. Neste momento, posso dizer que a pesquisa, de abordagem qualitativa, colabora para análise das narrativas docentes por meio dos registros das suas percepções e relatos de experiência com o tema.

O capítulo quatro é destinado à análise dos dados. Apresento a análise das respostas dos docentes, identificando semelhanças, aproximações, recorrência, bem como as diferenças entre suas respostas. Nesse movimento, desdobra-se uma análise teórica e conceitual a partir de pesquisas da área da Educação sobre a aula-passeio e as intencionalidades na prática de ensino. E, no capítulo final, apresento as considerações finais do meu trabalho de curso.

2 ASPECTOS TEÓRICOS: REVISÃO DE LITERATURA E A PRODUÇÃO DA NOÇÃO DE AULA-PASSEIO

Este capítulo trata do referencial teórico da pesquisa apresentada. Como forma de atender ao primeiro objetivo específico, qual seja: a) identificar a produção da noção de aula-passeio nas produções acadêmicas da área da Educação, busquei discussões sobre esta proposta pedagógica, que transcendem a sala de aula. Nessa perspectiva, o capítulo está dividido em duas partes: 1) Estado do Conhecimento: produções acadêmicas sobre a noção de aula-passeio; e 2) Aula-passeio na perspectiva de Célestin Freinet.

2.1 Estado do conhecimento: produções acadêmicas sobre a noção de aula-passeio

O trabalho de localização de pesquisas que discutem a temática pesquisada teve como objetivo analisar o que circula nas produções sobre o meu tema de pesquisa. Trata-se de um movimento de reconhecimento do conhecimento produzido e possibilidade de discussão e articulação com a pesquisa que proponho. Assim, o primeiro movimento foi de localizar no repositório digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Lume/UFRGS, trabalhos de conclusão de curso que abordassem a temática aula-passeio, no sentido de verificar as produções acadêmicas na nossa instituição. Sendo assim, realizei a referida busca no dia 29 de novembro de 2021 com os seguintes descritores: *aula-passeio* e *passeio escolar*. Na pesquisa encontrei, apenas, uma referência, o trabalho de conclusão de curso com o título “Aula-Passeio na EJA: mais que diversão, espaço de aprendizagem” (RICACHESKI, 2015).

Em relação ao trabalho de Ricacheski (2015), afirmo que com a realização do meu trabalho, proponho um aprofundamento da temática. Na pesquisa dela, ela coloca a opinião dos alunos e no final deixa como sugestão a continuidade, que vai ao encontro da minha pesquisa. A autora discute, através do seu trabalho de observação docente no sexto semestre e posteriormente no seu estágio obrigatório do curso de Pedagogia da UFRGS, as percepções dos alunos de duas escolas municipais de Porto Alegre da modalidade da EJA, sobre o tema aula-passeio. Ela analisou as narrativas dos alunos, buscando entender quais eram as percepções desses ao saírem do espaço escolar para conhecer outros espaços e aprender através destes ambientes, pois notou-se que alguns alunos faltavam à aula quando existiam essas propostas de “saída” e “visita”.

Por surgir diversas questões, ela decidiu materializar as conversas que manifestavam-se com o tema aula-passeio. Procurou entender como eles se sentem em relação às saídas, se eles percebiam que aprendiam nos passeios ou que os passeios apenas serviam para diversão. Foram realizadas entrevistas, utilizando-se então o método qualitativo, através de entrevistas semiestruturadas, anotações de diário de classe, relatos e falas dos educandos, gravação da avaliação das aprendizagens.

Obteve-se então o total de oito entrevistas, sendo classificado no seu trabalho como “Turma A” e “Turma B”, alunos com mais de 30 anos de idade em ambas as turmas. Foi possível perceber através da sua pesquisa, que os alunos relatam as aprendizagens obtidas nas atividades de pré-saída, saída e pós-saída, ou seja, na aula-passeio, eles perceberam que conseguiram adquirir mais conhecimentos. Com a “Turma B”, no seu período de estágio, ocorreram aulas-passeios em três espaços privados como, saída ao cinema, visita ao museu e atividade na empresa Carris.

Os alunos achavam que os passeios eram momentos de aprendizagem. Trago o relato de um dos títulos “Eu passava ali, mas não sabia”, em que uma aluna relata sobre o tambor que tem na praça do gasômetro, e só através da saída com a escola, ela entendeu o significado daquele artefato cultural. Porém, dois alunos acreditavam ser mais importante ir à escola para aprender a ler e escrever do que participar da aula-passeio, pois sentiam a necessidade de aperfeiçoar estes conhecimentos linguísticos.

Nota-se, na construção do trabalho de pesquisa, a utilização do método Freinet (1973), com o recurso aula-passeio, bem como a importância da realização das atividades de pré-saída, saída e pós-saída na construção das aprendizagens significativas dos alunos. Todavia, a autora deixa um questionamento na sua conclusão

Diante disso, os educadores acreditam que as atividades extraclasse auxiliam os educandos na construção de novos saberes? Desse modo, é oportuno que novas pesquisas sejam realizadas referentes a este tema tão relevante e presente no cotidiano escolar (RICACHESKI, 2015, p. 48).

Mediante ao exposto, percebo, então, que o meu trabalho de pesquisa, com o objetivo de analisar as percepções dos educadores sobre o tema aula-passeio e a utilização como uma metodologia no aprendizado dos alunos, se apresenta como uma possibilidade de continuidade e articulação com o trabalho de Ricacheski (2015). Buscando, assim, contribuir com as discussões deste estudo feito em 2015 e para próximos estudantes que acreditam que o tema aula-passeio seja pertinente para trabalhos acadêmicos e também como forma de auxiliar

os docentes nesta concepção.

Nesse sentido, como localizei apenas um trabalho no repositório Lume/UFRGS, o segundo movimento de pesquisa foi no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, no dia 30 de novembro de 2021. Utilizei o descritor “aula-passeio”, refinei a busca pela grande área de conhecimento, qual seja, Ciências Humanas e foram listadas 7.059 pesquisas. O recorte temporal, das produções, foi estabelecido como “últimos 10 anos”, no sentido de avaliar as discussões atuais analisando o que tem circulado no âmbito acadêmico. Considerando o número elevado, concentrei minha primeira análise nos títulos dos trabalhos localizados. No segundo momento, estabeleci como parâmetro a relação dos títulos com o meu tema de pesquisa e possibilidade de acesso virtual, resultando em um número final de nove trabalhos, que apresento na tabela a seguir:

Tabela 1 – Teses e Dissertações do Catálogo CAPES

Autor/a	Título	Ano	Curso	Instituição
Greice Ferreira da Silva	O leitor e o re-criador de gêneros discursivos na educação infantil	2013	Doutorado em Educação	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Katiuscia Soares Viana Rocha	Do projeto Manguezal às ciências do ensino fundamental: Uma Experiência Pedagógica Voltada Para a Sustentabilidade	2014	Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática	Instituição de Ensino: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, Vitória
Joeliza Nunes Araujo	Aprendizagem Significativa de Botânica em Laboratórios Vivo	2014	Doutorado em Educação em Ciências e Matemática	Universidade Federal de Mato Grosso
Patricia Pinheiro de	Educação Integral: Significações do Programa	2015	Mestrado em Educação	Universidade do Estado de Minas

Souza	Escola Integrada para Sujeitos da Escola Municipal Adalto Lúcio Cardoso			Gerais
Joel dos Santos Pereira	A Paisagem que vejo e construo: A aplicação da aula-passeio como práxis da educação patrimonial em uma escola da cidade de João Monlevade- MG	2018	Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania	Universidade Federal de Viçosa
Marcela Eringe Mafort de Oliveira	Incorporação do Conhecimento Tradicional Pesqueiro Discente às Práticas Pedagógicas para Estudo da Conservação da Ictiofauna do Rio Pomba	2018	Mestrado em Ensino	Universidade Federal Fluminense
Fernando Roberto da Costa Linhares	Os Significados de uma visita a um observatório astronômico: um estudo baseado nas memórias e emoções de estudantes	2019	Doutorado em Educação	Universidade Federal de Minas Gerais

Fonte: Elaborada pela autora (2022)

A partir da análise das nove pesquisas acadêmicas, foi possível perceber a importância e relevância da aula-passeio na construção social e cidadã das crianças e dos adultos que participaram de experiências de aula-passeio, na intenção de tornar o aprendizado mais significativo, dinâmico e experimental. Destaca-se que a aula-passeio pode ser compreendida como um momento de vivenciar, descobrir e sentir novas sensações, podendo despertar novos interesses e curiosidades nos alunos (BARROS; VIEIRA, 2015). Nesta análise, foi notório o referencial teórico do pedagogo francês Célestin Freinet nas nove pesquisas estudadas com as

suas técnicas, sendo um deles, como será apresentado neste estudo, com a técnica da aula-passeio.

Além disso, procurei fazer um levantamento com os modelos de turmas que estavam sendo feitas as propostas da aula-passeio. Então, o resultado foi o seguinte:

- dois trabalhos feitos com turmas do Ensino Fundamental;
- duas turmas de Ensino Médio;
- em cinco trabalhos foram pesquisadas propostas que foram apontadas como educação integral ou como atividades extracurriculares;

Nas pesquisas com os títulos: *O leitor e o re-criador de gêneros discursivos na educação infantil* (SILVA, 2013) e *A Paisagem que vejo e construo: A aplicação da aula-passeio como práxis da educação patrimonial em uma escola da cidade de João Monlevade-MG* (PEREIRA, 2018), a perspectiva destes trabalhos dialoga com o que pretendo analisar nas entrevistas com os docentes, pois a prática da aula-passeio, como visto nas pesquisas citadas, ocorreu nos horários de aula. Além disso, todos os trabalhos se relacionam à aula-passeio como um elemento central das propostas pedagógicas.

Na pesquisa de Silva (2013), ele explora a técnica de Freinet com o convite de uma escrita de uma carta, mas não somente o aprendizado do gênero cartas, ele buscou colocar na sua prática pedagógica elementos que oportunizassem aos alunos o simbolismo e significado da proposta. Ele utilizou a aula-passeio como prática na experimentação da saída para enviar uma carta como instrumento de comunicação no cotidiano das pessoas, levando então os alunos para conhecer a agência central dos Correios e vivenciar a experiência proposta por ele.

Com o objetivo de ampliar as experiências para que compreendessem todo o processo de emissão e de recepção da correspondência, fiz com elas uma aula-passeio à agência central dos Correios. As aulas-passeio são também uma das técnicas da Pedagogia Freinet. São saídas ao ar livre – aulas de campo – que oportunizam maior contato com o próprio meio, permitindo descobertas que motivam a re-criação dos textos livres. Antes de postarem a carta aos correspondentes – pesaram, verificaram o valor e fizeram o pagamento da taxa (SILVA, 2013, p. 160 - 161).

Freinet, em suas pesquisas, defende que o docente deve organizar o espaço para que o discente desenvolva suas capacidades ao máximo e, portanto, deve atuar como um mentor de desenvolvimento e artefato para a construção do processo educativo. Expostas as questões iniciais de articulação entre a produção acadêmica e meu tema de pesquisa, compreendo a importância e necessidade do desenvolvimento da minha pesquisa, a aula-passeio na prática

docente, em compreender: como os docentes trabalham com essa ideia de sair da sala de aula? Quais os desafios que se tem ao usar essa prática no seu planejamento pedagógico? Quais são as visões deles referente a sua prática com a aula-passeio? Além disso, essa etapa do trabalho permitiu uma melhor compreensão no sentido do que é uma aula-passeio e de que maneiras podemos trabalhar e articular a prática no planejamento da escola. Antes de tratar da metodologia utilizada para a produção dos dados de pesquisa, apresento as questões teóricas sobre a noção de aula-passeio que embasam a minha pesquisa.

2.2 A aula-passeio na perspectiva de Célestin Freinet

A definição de aula-passeio foi desenvolvida pelo pedagogo francês, Célestin Freinet (1973), que discutiu sobre diversas técnicas ou, como ele divulgou em um dos seus trabalhos, as invariantes de ensino para educação das crianças e também do educador, buscando um ensino para além da sala de aula e longe de ser um método fixo. A aula-passeio é um aprendizado social e cultural, produzido pelo planejamento docente na articulação com os demais agentes educacionais envolvidos. Segundo Freinet,

A classe-passeio foi para mim a tábua da salvação. Em vez de cochilar diante de um quadro de leitura do reinício das aulas à tarde, saíamos para o campo que circundava a aldeia. Ao atravessar as ruas, parávamos para admirar o ferreiro, o marceneiro ou o tecelão, cujos movimentos seguros nos despertaram a vontade de imitá-los. Observávamos o campo nas diversas estações: no inverno, quando eram abertos grandes panos debaixo das oliveiras para receber as azeitonas que caíam; ou na primavera, quando as flores de laranjeiras desabrochadas pareciam oferecer-se à colheita. Já não examinávamos escolarmente as flores e os insetos, as pedras e os riachos à nossa volta. Nós os sentíamos com todo o nosso ser, e não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade [...] (FREINET, 1998, p. 27).

Como panorama de sua proposta educacional, Freinet oportunizou o estímulo para que as crianças fizessem experiências de forma livre, a partir da curiosidade natural de sua faixa etária. Neste sentido, acrescentado neste modelo de ensino, podemos entender que “não se alcança a formação dos alunos com explicações e demonstrações, mas pela ação e pelo tateamento experimental” (FREINET *apud* IMBERNÓN, 2012, p.85). Diferente do que se acreditava na sua época, ele explica que existem outras formas de ensinar as crianças e não só as crianças, mas qualquer pessoa que queira aprender, de forma muito mais prazerosa através da experimentação, do tateamento.

Freinet era contra o ensino mecânico, robotizado e sem criação. As crianças, assim como os adultos, precisam se sentir livres para se expressar e criar sua própria maneira de aprender. O autor provoca em suas invariáveis, não só técnicas a serem usadas, mas também reflexões aos educadores da época, todavia podemos observar que suas criações eram muito visionárias.

Freinet, como um dos fundadores da Escola Moderna, que surgiu nas primeiras décadas do século XX na França, discutia a necessidade de superar as paredes da escola para a promoção de uma educação que atendesse aos interesses das crianças. Com 16 anos, ingressou na escola de formação de professores, obtendo o título de professor elementar, aos 18 anos Freinet é convocado às tropas da Primeira Guerra Mundial (1915). Neste acontecimento, ele sofre uma lesão, com a intoxicação de gás utilizado em guerras, e acaba adquirindo uma lesão permanente nos seus pulmões, atrapalhando seu tom de voz, precisando evitar o desgaste nas cordas vocais. Mesmo com as limitações, Freinet volta para a sala de aula.

Diferente de outros professores do seu tempo, ele era um verdadeiro vanguardista, e como podemos observar em muitas de suas obras, foi um contemporâneo com as suas ideias para qualificar o aprendizado dos alunos. Sua preocupação não era criar um ambiente confortável apenas para o docente atuar como dono da sabedoria e se colocar como alguém que transmite o ensino, todavia a sua preocupação sempre foi no aluno, na curiosidade do aluno, pensando sempre em recursos motivacionais, para que ambos, docente e discente se sentissem confortáveis para aprender e ensinar de forma mútua. Ele promove o ensino a partir da experimentação utilizando a técnica aula-passeio com a intenção de proporcionar mais contato com a natureza e com a realidade dos seus alunos.

A escola, dentro de um modelo tradicional, estava centrada na memorização e reprodução de conteúdos. Sua proposta, então, era o papel da escola como um importante elemento de transformação social, como um espaço democrático, livre de contradições sociais e que não marginalize crianças pela classe social. Como afirma Freinet, “em matéria de educação, de nada serve decretar e regulamentar a ação pedagógica se aqueles que têm a missão de cumpri-la não estão associados à sua concepção e realização de forma cooperativa” (FREINET *apud* IMBERNÓN, 2012, p.16).

Freinet, além dos trabalhos vinculados à noção de aula-passeio, que criavam um clima de diálogo, de hipóteses e cooperação, desenvolveu outras propostas, tais como: cantinhos pedagógicos, a troca de correspondências entre as escolas, o mural de notícias e a prensa escolar. Tais propostas tinham como objetivo estimular o aprendizado dos alunos por meio da

experimentação, brincadeiras e nas relações dos envolvidos.

Para além da produção conceitual elaborada por Freinet, também busquei outros autores que estão relacionados ao tema, para auxiliar os professores na concepção de entendimento sobre o recurso da aula-passeio, na intenção de provocar novos olhares para aprendizagem e problematizar a metodologia tradicional de ensino. Pensando, assim, que o aprendizado dos alunos pode ser através de outros espaços, tornando a prática do ensino mais sensível, interativa, lúdica e significativa.

Segundo os autores e autoras citadas até o momento, verifica-se que o planejamento realizado pelo docente na questão da organização de uma aula-passeio, é muito importante. Além disso, cabe destacar que independente do que o docente deseja alcançar com aquele planejamento, ele precisa ser aberto aos diálogos, às descobertas, às hipóteses dos alunos. Nesse sentido, é necessário observar as seguintes questões: Como tornar a transição do aprendizado para fora do espaço escolar de forma natural? Na questão do espaço escolhido, o que pretendo explorar? O que será avaliado dos discentes no caminho e/ou na chegada da atividade proposta?

Por isso, é interessante dispor de uma organização, todavia ela não pode ser algo que engesse o aprendizado dos alunos, pois Freinet (1973), ao levar seus alunos para fora da escola, buscava provocar experiências em que o aluno seria protagonista da sua prática, que a saída promovesse a potencialidade das reflexões, lógicas e sobre o que achasse interessante expor, sem se sentir coagido ou errado. Nessa perspectiva, o docente com o seu planejamento da aula-passeio, precisa estar atento para as hipóteses que os seus alunos estão trazendo a todo momento. Para Freinet, o educador deve buscar um ensino que possibilite que o seu aluno aprenda a fazer escolhas.

Nessa perspectiva é importante que um professor tenha uma escuta atenta, solidária e participativa na sua intenção de ensino. Para isso, o planejamento precisa ser algo flexível e reflexivo para que se construa posteriormente no momento da saída com a turma, depois na sala de aula, uma narrativa coletiva, e assim todos possam compartilhar as suas experiências sobre o espaço que foi usado como prática de estudo. Conforme o pedagogo francês, Célestin Freinet (1964), trata-se de um trabalho cooperativo entre alunos e docentes.

Partindo-se da premissa que os discentes não aprendem da mesma forma, é importante sempre valorizar as relações que acontecem na prática da aula-passeio, porque cada turma terá uma relação diferente com o método da aula-passeio proposto pelo docente. Essas interações exigem dos docentes um olhar atento, pois são nesses momentos que a educação abre possibilidades para a descoberta, abre espaços para o diálogo, compartilhamento das

experiências e das hipóteses que surgem.

Freinet e Freire nos mostram sobre a importância do encantamento e entendimento do que se pretende ensinar e esse encantamento pode ser levado em consideração na elaboração de uma proposta da aula-passeio. Esses autores nos provocam a refletir que é no contexto, nos espaços não convencionais ou convencionais que somos educados. Os olhares diferentes para o mesmo espaço, podem trazer muitas potencialidades para a vida, assim o professor precisa estar aberto para essa experiência educativa.

Supor que o professor ensina uma novidade para toda turma é desconsiderar o histórico social e relacional de cada aluno. Talvez, para alguns, pode ser algo novo, como também pode ser algo da vivência subjetiva dele. No processo de elaboração da proposta pedagógica, os autores abordam a ideia de que o docente precisa ter atenção, buscar interagir com todos os movimentos de experiências e, no surgimento de novas descobertas “[...] dê às crianças a liberdade para escolher seu trabalho, decidir o momento e o ritmo deste trabalho, e tudo mudará” (FREINET, 1964, p. 66).

Pensando na utilização da aula-passeio, observa-se, nos trabalhos de Freinet, uma defesa da ideia de que aprender precisa ser leve, convidativo e interativo, fazendo com que sujeito traga suas descobertas, pois assim, o aprender pode criar algo inesperado. No movimento de propor algo para além do prédio escolar, Freinet trabalha com a ideia de “tentativa experimental”, que foi muito bem delineada pelas palavras de Marisa Elias (2001, p. 60):

A escola e os professores não podem mais se contentar em comunicar conhecimentos exigindo somente compreensão e memorização; devem proporcionar a tentativa experimental das crianças em todos os domínios, o que supõe atitude totalmente diferente, verdadeira reeducação. Uma atitude decidida de estudo, de preparo para ultrapassar barreiras e construir os degraus garantirá que seu aluno chegue sem fracassos ao objetivo. Por envolver a experiência, a pesquisa, a reflexão e a própria investigação científica, o tratamento experimental respeita o ritmo de cada aluno, seus ensaios e erros.

Sair do prédio, produzir uma prática educativa pela exploração e pesquisa, são aspectos levados em consideração na proposição de uma aula-passeio. Pensando que as crianças e adultos têm uma percepção diferentes das coisas do mundo, dos acontecimentos que envolvem determinada atividade, é importante que o educador faça esses registros do roteiro da aula-passeio, para que então, depois, na sala de aula, eles retomem o que foi visto coletivamente.

O processo de registro e compartilhamento do que foi visto, experienciado por todos, corrobora para o desenvolvimento de uma prática pedagógica democrática, pautada na escuta e no espaço de fala. Além da escuta sobre as percepções sobre uma atividade realizada, a

A escuta, tal como observação, deve ser um processo contínuo no cotidiano educativo, um processo de procura de conhecimento sobre as crianças (aprendentes), seus interesses, motivações, relações, intenções, desejos, mundos de vidas, realizados no contexto da comunidade educativa procurando uma ética contínua de reciprocidade (OLIVEIRA FORMOSINHO, 2007, p. 33).

Nessa perspectiva a intenção da aula-passeio exige uma organização e um planejamento que possa estimular e/ou provocar a uma construção coletiva. Ao sair do prédio, não se trata apenas de um movimento de levar os alunos a determinados locais, abre-se a possibilidade da participação da comunidade, seja na atividade de conhecer o bairro em que fica a escola, reconhecer a comunidade que os alunos estão inseridos, visitar uma escola que fica no mesmo bairro. Ou, pensando nos grandes passeios organizados pela escola, seja visitas em museus, zoológicos ou pontos importantes sobre a história da cidade.

Assim, para a realização da aula-passeio são necessárias algumas participações para realmente sair do papel, ou seja, para que o planejamento possa ser executado, necessita-se de empenho cooperativo e coletivo. Podemos iniciar trabalhando com a intenção pedagógica, partimos para as questões administrativas como: política da escola em usar esta prática, autorização dos responsáveis, planejamento financeiro e logístico, entre outras ações e diálogos para que a atividade possa ser realizada.

Cada professor pode problematizar a sua prática e assumir uma postura política e investigativa, pois, conforme nos remetem Freire e Shor (1986, p. 10), “é a convivência com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-o a se assumir enquanto sujeitos sócio-históricos culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando”. O espaço para uma educação aberta, dialogada, o educador Paulo Freire nos mostra que é possível quando o educador proporciona as interações e compartilhamentos de ensino na relação que ele estabelece com os alunos.

Essa ação compartilhada se estende aos pais/responsáveis, uma vez que, eles cientes do que vai ser trabalhado com as crianças, dos protocolos elaborados, do roteiro do passeio com os horários combinados, tende a mitigar problemas de comunicação e possibilita que os pais/responsáveis autorizem a ida do aluno na aula-passeio. Esta partilha do planejamento com os pais/responsáveis pode ser difícil, por medo e insegurança que aconteça alguma coisa, sendo necessária uma mediação da escola para o fortalecimento dos vínculos. Pensar no

processo formativo dos alunos pautado na relação entre todos os atores sociais e na possibilidade de articulação com a sociedade por meio das aulas-passeio, pode contribuir para uma comunidade mais forte e participativa.

Partindo das reflexões teóricas sobre a noção de aula-passeio, a partir de Freinet, e da vinculação dessa prática pedagógica com os princípios de uma educação pensada e desenvolvida com a participação de todos e no respeito à história de cada sujeito, dentro do seu contexto social, na próxima seção apresentarei as questões metodológicas da pesquisa.

3 A PESQUISA EM SEUS ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa constitui-se a partir da análise das respostas de docentes em um questionário sobre a aula-passeio. O interesse de pesquisa, conforme já mencionado na introdução, surgiu das memórias significativas e afetivas da minha formação do Ensino Fundamental. Procurei no curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), embasamentos teóricos de educadores que desenvolveram pesquisas sobre esse tema. Pressupondo que a aula-passeio, é uma prática docente essencial para uma aprendizagem significativa e formadora de sujeitos autônomos, esses aprendizados transcendem os muros da escola.

Para levar a efeito esta pesquisa, realizou-se, inicialmente, a investigação documental. Segundo Lazzarin (2017), o pesquisador imagina um problema de pesquisa de acordo com a sua subjetividade e, portanto, precisa assim, definir alguns caminhos com o objetivo de garantir respostas esclarecedoras. Para uma pesquisa qualitativa, o pesquisador tem um papel fundamental,

A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Enfatiza-se a necessidade do exercício da intuição e da imaginação, num tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas também - o que é muito importante - para a liberdade do intelectual. (MARTINS, 2004, p.1)

Iniciei o desenvolvimento do presente trabalho de curso no segundo semestre do ano de 2021, durante a pandemia de coronavírus. Antes que pareça que tudo já foi resolvido quanto à pandemia, nesse momento seguimos atentos e cuidadosos, mas a vida já parece um pouco mais com o período anterior à COVID-19. Retomando às questões metodológicas, tomando a ideia de liberdade descrita por Martins (2004), eu estava decidida em contatar, de forma presencial, alguns docentes para a realização de entrevistas.

Nosso calendário acadêmico da UFRGS ainda não está alinhado aos calendários escolares e, quando iniciei o processo de produção dos dados, as escolas ainda não haviam retornado às atividades. Fiquei com receio de não ter tempo entre as autorizações da escola e contato com os professores, assim, se fez necessário uma adaptação dos procedimentos metodológicos, para que se alcançasse um resultado, possibilitando a participação e contribuição dos docentes, para análise da pesquisa.

Optei pela realização de uma pesquisa exploratória, por ser um método mais aberto e flexível (GIL, 2008, p. 1). Considerando que a pesquisa exploratória preocupa-se com o levantamento de informações e não uma obtenção de estatística, pode ser caracterizada como qualitativa. Busquei, assim, mapear e obter maior participação dos docentes quanto à temática central desta pesquisa: a aula-passeio na prática docente. Por isso, para que a pesquisa fosse possível, algumas medidas foram necessárias para pensar no cuidado coletivo durante a coleta de dados.

Intencionava-se entrevistar um grupo de docentes da rede pública de ensino de Porto Alegre, para refletir sobre suas percepções referente a aula-passeio no contexto pedagógico da sala de aula, através de entrevistas semi-estruturadas. Impossibilitada pelo cenário atual, que ainda exige certos cuidados, utilizei a plataforma *Google Forms* como instrumento de coleta.

Nessa perspectiva, a pesquisa passou a ser voltada para um público mais amplo: docentes da rede pública, docentes que dão aula particular e docentes da rede privada e/ou pública e privada. Nesse contexto, diante do cenário pandêmico, utilizo o questionário aberto (LAZZARIN, 2017), podendo o participante descrever suas respostas de forma que evidenciam sua subjetividade.

Todavia, diante das circunstâncias, como ter um único trabalho no Lume/UFRGS que possui o tema da aula-passeio voltado para a concepção dos alunos e, no final com uma reflexão: Qual a percepção dos docentes referente a aula-passeio no cotidiano escolar para seus alunos? (RICACHESKI, 2015, p. 48), utilizo também esse trabalho como norteador do meu questionamento com os então docentes convidados, demarcando assim, o meu posicionamento político e pedagógico acerca da pesquisa e da prática pedagógica.

3.1 Produção dos dados: o questionário como ferramenta para uma pesquisa qualitativa

Dada a passagem do tempo, com o início da minha pesquisa no segundo semestre de 2021, sem retorno das escolas de forma totalmente presencial, decidi então partir para o método de pesquisa utilizando então o questionário: “[...]instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito” (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 100). Pensando em coletar respostas diversificadas, em razão dos diferentes sujeitos e contextos nos quais atuam, o questionário foi compartilhado com pessoas

que têm relação com a educação. O questionário ficou disponível entre os dias 17 de fevereiro de 2022 e 05 de março de 2022.

A estrutura do questionário inicia com uma explicação resumida sobre esse trabalho, a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, depois, os participantes deveriam assinalar sua anuência para ter acesso às perguntas. O Termo, além de informar sobre os fins da pesquisa, trazia informações sobre a segurança quanto aos dados pessoais, garantindo o uso exclusivo das respostas para essa pesquisa. Conforme apresento na imagem a seguir:

Imagem 1 – Formulário *Google Forms* sobre aula-passeio



TC II - Aula-passeio na prática docente

Você está sendo convidado/a a participar, de forma voluntária, da pesquisa sobre "Aula-passeio na prática docente", que tem como objetivo geral conhecer e analisar as percepções docentes sobre a aula-passeio na sua prática pedagógica. Trata-se de um questionário para o desenvolvimento do Trabalho de Curso da Licenciatura em Pedagogia da aluna Marciliane da Silva Maciel, orientado pela professora Luciane Bresciani Lopes.

Sua colaboração é essencial para melhor compreendermos o papel da aula-passeio nas práticas docentes. O preenchimento do questionário é breve e todas as informações fornecidas serão mantidas em sigilo, garantindo o anonimato dos dados.

Você poderá desistir da pesquisa a qualquer momento e poderá contatar os pesquisadores responsáveis:

- Marciliane da Silva Maciel: marciliane94@gmail.com
- Luciane Bresciani Lopes: lbresciani@gmail.com

Se concordar em participar, assinale a opção "sim" e será direcionado/a ao questionário da pesquisa.

Fonte: Elaborada pela autora (2022).

Para o desenvolvimento de um trabalho ético, para além da inclusão e uma pergunta que direciona ou não os participantes para o questionário, foram necessários alguns passos até que o questionário passasse a circular, quais sejam:

- 1) Elaboração da estrutura do questionário, observando a quantidade de questões que seriam colocadas, visando a qualidade das respostas e tempo de resposta.

- 2) Preservação do anonimato dos participantes, o formulário permite que as respostas não sejam identificadas. Assim, optei pela alternativa que não coleta os e-mails, mas também permite apenas uma resposta por acesso. As respostas serão apresentadas da seguinte forma: “P1; P2; P3”, sendo P a representação de “participante” e os números são a ordem de participação.
- 3) Procurar entrar em contato com grupo de docentes da escola inicial, solicitando o auxílio para a participação e divulgação da minha pesquisa. Também contatei colegas e professores do curso de Pedagogia da UFRGS visando uma ampla divulgação.
- 4) Categorização das respostas para a realização das análises.

Marconi e Lakatos (1999, p. 33) afirmam que “[...] tanto os métodos quanto as técnicas devem adequar-se ao problema a ser estudado, às hipóteses levantadas e que se queira confirmar, e ao tipo de informantes com que se vai entrar em contato”. Neste sentido, meu objetivo era contar com a participação do maior número possível de participantes, sem determinar um número e sem considerar isso como elemento central para a produção dos dados.

No questionário enviado aos entrevistados, organizei em duas etapas com características diferentes: 1) perguntas objetivas para conhecer o perfil dos participantes da pesquisa; 2) perguntas dissertativas para que os participantes pudessem narrar suas experiências, práticas docentes e compreensões acerca da aula-passeio. Contudo, na utilização do método de pesquisa no formato de questionário, foi possível evidenciar alguns percalços na participação dos convidados.

Por um lado, o questionário é uma ferramenta facilitadora, por ser uma técnica de fácil divulgação, por poder compartilhar com diversos públicos e então conseguir um maior número de convidados para o efetivo da pesquisa. Todavia surgem as questões subjetivas dos participantes, pois ao convidar de forma virtual, percebi que o retorno das respostas implicava não apenas o meu convite, mas também a disponibilidade do participante.

As perguntas objetivas que compunham a primeira parte do questionário, ou seja, de caracterização dos participantes da pesquisa, foram as seguintes:

- idade;
- gênero;
- nível de formação;
- rede de atuação;

- qual etapa de ensino leciona e
- tempo de atuação na área de educação.

Considero importante a parte de identificação para que se possa compreender as principais características dos sujeitos-docentes que colaboraram com esta pesquisa, sendo apenas uma caracterização do público que participou.

Na segunda parte, elaborei três questões dissertativas, com um direcionamento referente ao tema da aula-passeio. Optei por não assinalar com “respostas obrigatórias” entendendo que algum participante poderia desistir ao ver que precisava, obrigatoriamente responder todas. As perguntas elaboradas, foram as seguintes:

- 1) Quando você escuta ou lê o termo "aula-passeio", no que você pensa?
- 2) Como a "aula-passeio" está presente em sua prática pedagógica? Como você desenvolve o planejamento dessa(s) atividade(s)?
- 3) Você poderia me contar alguma experiência, alguma história (tanto como discente ou docente) sobre uma aula-passeio?

Através deste instrumento de coleta de dados, objetivava ter ideia acerca da relação estabelecida por parte dos professores com a aula-passeio e as possíveis potencialidades da mesma em um plano pedagógico. A terceira pergunta, pensada, principalmente, pela relação que eu estabeleço com o tema, buscava proporcionar aos professores, um espaço de partilha das suas memórias, tanto como um relato no período em que era discente, quanto no papel de docente.

3.2 Caracterização dos participantes da pesquisa

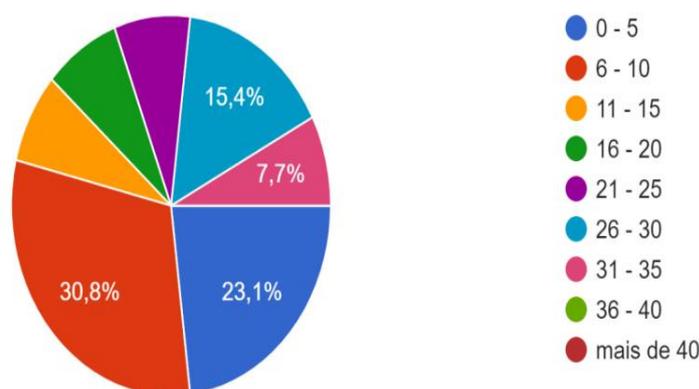
A escolha dos docentes ocorreu pela disponibilidade em preencherem o questionário. Notou-se que alguns questionários entregues não foram totalmente preenchidos, ou não respondidos, resultando em uma amostra de 13 professores. Pode-se observar no questionário, que os docentes atuam em diferentes redes de ensino, nível de formação, etapas de ensino também diferentes e a faixa etária destes profissionais é variada.

Destes, 11 são do gênero feminino e 2, do gênero masculino. Importa destacar que 7 são da rede pública, 4 da rede privada e 1 atua em escolas da rede pública e da rede privada. A partir do questionário é possível identificar que apenas um entrevistado trabalha com aulas particulares, ou seja, fora do ambiente escolar. A formação inicial dos professores participantes compreende as seguintes áreas: Pedagogia, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Educação Física, e Magistério. O tempo de atuação da profissão é distinto, conforme o gráfico que apresento a seguir:

Gráfico 1 –Tempo de atuação docente dos participantes da pesquisa

Há quanto tempo atua como docente? (em anos)

13 respostas



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Observa-se que a maioria dos participantes atuam como docentes entre 6 e 10 anos. Ao analisar o gráfico, é possível estranhar a possibilidade de atuação com mais de 35 anos de docência. Contudo, considerando as políticas para aposentadoria e demais questões previdenciárias e financeiras, não seria estranho ter pessoas que contemplassem essa categoria. Outro aspecto a apresentar refere-se a etapa e/ou modalidade de atuação dos docentes nas instituições, quais sejam: 3 professores na Educação Infantil; 4 professores nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; 1 professor nos Anos Finais da Ensino Fundamental; 2 professores no Ensino Médio; 1 professor no Ensino Fundamental e Ensino Médio; 1 professor na Educação Especial; e 1 professor no Ensino Técnico Profissionalizante.

A partir desses dados, é possível observar uma diversidade de sujeitos e realidades os quais estão envolvidos. Isso não torna essa pesquisa mais ou menos importante, também não

significa uma resposta definitiva sobre a noção de aula-passeio. Pelo contrário, ajuda a compreender os lugares de onde os sujeitos falam e me ajuda a escrever sobre o tema de pesquisa. É possível outros olhares e outras análises, mas aqui, como dito anteriormente, buscarei, no próximo capítulo, apresentar os meus agrupamentos, a partir dos autores escolhidos para esse trabalho de curso. Considerando o objetivo geral desta pesquisa – conhecer e analisar as percepções docentes sobre a aula-passeio na sua prática pedagógica – passo para a análise das respostas dos participantes da segunda parte do questionário.

4 ANÁLISE DOS DADOS: AULA-PASSEIO E A PRÁTICA DOCENTE

Neste capítulo analiso os dados da pesquisa, estabelecendo uma relação das respostas dos docentes com o tema de pesquisa apresentado. Para a escrita do presente capítulo, conforme dito anteriormente, foram analisadas as respostas da segunda parte do questionário online sobre “aula-passeio”.

As perguntas foram organizadas com o objetivo de provocar no docente uma reflexão sobre o tema, considerando tanto aqueles que usam no seu planejamento a aula-passeio em suas propostas pedagógicas, e também para aqueles que não utilizam, motivando-os a relembrar, buscando na sua memória da infância, quando no papel de aluno tenha participado durante a sua formação de um passeio escolar.

Considerando os objetivos específicos da pesquisa, o capítulo está dividido três partes: 1) Significados/sentidos atribuídos ao termo “aula-passeio”; 2) Aula-passeio e a prática pedagógica; e 3) Memórias afetivas como discente e/ou docente sobre a aula-passeio. Deste modo, as análises consideram a forma como os docentes trabalham na sua prática docente a aula-passeio, como pensam e relacionam com a sua docência.

4.1 Significados/sentidos atribuídos ao termo “aula-passeio”

Essa seção está articulada com a primeira pergunta dissertativa do questionário e se relaciona com o segundo objetivo específico da pesquisa – analisar as narrativas docentes sobre a noção de aula-passeio. Assim, analiso os significados e os sentidos do termo para os docentes e na sua prática pedagógica.

Início minha análise sobre os significados/sentidos, argumentando sobre a escolha em manter os dois na escrita deste TC. Na pergunta relacionada a esta discussão, questioneei aos participantes sobre “Quando você escuta ou lê o termo "aula-passeio", no que você pensa?”. As respostas foram diversas, as quais apresento na sequência, assim, eu não consigo afirmar que se trata de um significado ou de um sentido, mas de significados e sentidos que se aproximam e complementam para a produção da minha análise.

Os significados/sentidos são apresentados nas respostas da primeira pergunta, mas se apresentam nos demais comentários ao longo das demais perguntas. Acredito que esse

movimento de falar e contar sobre suas lembranças pode ser compreendido como uma maneira pela qual os sujeitos passam a atribuir os sentidos e constituir os significados, no caso deste TC, sobre a aula-passeio.

Considerando o contexto de pandemia do coronavírus, a necessidade de buscar novos recursos e formas de instigar os alunos, se apresentou como uma questão central nas práticas docentes. Assim, uma das questões que se apresenta como importante para mim, no desenvolvimento da pesquisa, é pensar na possibilidade de articular a aula-passeio ao planejamento pedagógico. Deste modo, pensar neste tema é compreender que a “[...] a função educativa não está de modo algum confinada às paredes da escola” (FREINET, 1966, p. 296).

Na análise das respostas foi possível observar algumas aproximações de significados/sentidos do termo “aula-passeio” nas respostas dos participantes. Assim, passo a articular as respostas dos docentes com as produções dos autores anteriormente citados.

A partir das respostas, o primeiro destaque é a relação da aula-passeio com uma noção de “técnica” que deva ser aplicada em função de um planejamento, conforme apresentado na resposta a seguir:

Saída Técnica. (P12)

Outro participante também atribui, segundo a minha análise, um caráter metodológico ao termo, segundo ele:

Pesquisa de campo. (P2)

Esses significados/sentidos atribuídos ao termo “aula-passeio”, demonstram certa objetividade, ou seja, sair do prédio escolar poderia significar, com base nessas respostas, um deslocamento para “coleta” de informações externas. Contudo, considerando as contribuições na perspectiva de Freinet como apresentado no capítulo teórico, o autor trabalha com a noção de técnicas relacionadas às aulas-passeio, mas essas técnicas não se encerram em si, como um roteiro fechado. As técnicas precisam trabalhar para o desenvolvimento da criatividade, protagonismo e a ação dos alunos, para que eles sejam os pesquisadores e críticos em uma determinada realidade, pensando nas possíveis mudanças sociais.

O trabalho de Freinet (2012), baseado nos princípios de Rousseau, defendia que para o desenvolvimento do aprendizado, o aluno, ou os sujeitos envolvidos, devem compreender do

que se trata ou espera com determinada prática e, ainda, faz-se necessário uma relação com a realidade vivida. Assim, ao estabelecer os significados/sentidos da aula-passeio em uma ideia de técnica e procedimento, é importante considerar as narrativas das crianças, escutando suas curiosidades, dúvidas, hipóteses.

Paulo Freire, por sua vez, contribui para a discussão de outro significado/sentido atribuído ao termo aula-passeio, qual seja:

Penso em **saída prática**. (P8)

Analisando a resposta do P8, podemos discorrer sobre o significado da saída prática. Partindo da premissa que a educação se faz através da ação, nesse sentido, é importante relacionarmos o que se ensina com a realidade dos nossos educandos. Segundo Freire (1987, p. 39), “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Assim, a ação pedagógica se faz na relação que estabelecemos entre teoria e prática. Pensar o passeio como prática, ou seja, um espaço onde a prática poderia estar dissociada da teoria, pode colocar em risco de valorização diferente as ações pedagógicas.

Sobre isso, Paulo Freire (2010) em sua obra “Pedagogia da Autonomia” nos provoca e nos convoca para uma reflexão sobre a prática do ensino relacionando a teoria e a prática. Segundo ele, “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (FREIRE, 2010, p. 11).

Na perspectiva de Freinet o fato de relacionar a vida e a escola, no sentido que é articulado a teoria e a prática, pode se dar nas saídas da sala de aula, mas também em sala de aula. Se pensarmos que é importante aprender com os livros e conteúdos que a escola oferta, mas na relação com o que é vivido no cotidiano do aluno, podemos produzir uma educação não mecanicista. Assim, a escola pode abordar as questões culturais, por exemplo, a partir do contexto que a escola está inserida. Para Freire, a educação é uma forma de intervenção no mundo,

Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante (FREIRE, 1996, p.38).

A educação que nos propõe Freire, é aquela que não só denuncia, mas que promove a reflexão dos alunos em seu contexto. Deste modo, a aula-passeio poderia ser compreendida como um meio para estabelecer tais articulações.

A relação que se estabelece entre o conceito de uma palavra é a compreensão do significado, através das experiências subjetivas do aluno, com mediação da escola, possibilitando assim a construção de outros saberes. Nessa perspectiva, Freinet coloca a importância do papel do docente para a sociedade, mostrando a responsabilidade daqueles que dentro da sala de aula trabalham. Todavia, a tarefa do professor ultrapassa o âmbito da escola, convocando esses a construir cidadãos responsáveis pelo cooperativismo, ao trabalhar o senso crítico e a autonomia.

Nesse processo de mediação, a delimitação da aula-passeio fora do espaço escolar apareceu em várias respostas, conforme apresento a seguir:

Saída de estudo, pesquisa/avaliação de espaços para fora **dos muros da escola**. (P10)

Ir além da sala de aula para a aquisição de aprendizado, conhecimentos. (P4)

Uma aula em **um ambiente distinto ao da sala de aula**. (P6)

A partir das respostas dadas pelos docentes, podemos compreender que os significados/sentidos estão marcados pelo espaço geográfico. Enquanto que as respostas de outros participantes tratam de: *aprendizado livre, prazerosa, construção de conhecimento*. Assim, refletir sobre esses significados, me permite dialogar com o pensamento de Freire e Freinet.

Segundo as produções desses autores, o aprendizado fora dos muros escolares pode se tornar livre, não só no sentido do espaço, de estar fora da sala de aula, mas de aprender de forma significativa e construir o seu próprio conhecimento em determinado espaço. Diferentemente da resposta do Participante 5, que aponta para a aula-passeio como momento pedagógico como uma intencionalidade direcionada para algum conteúdo específico. O Participante 7 também utiliza a ideia de “ferramenta”. Freinetiana por sua vez, coloca a aula-

passaio como espaço de descoberta através da ação dos alunos, colocando estes no centro das atividades. Seguem as falas analisadas:

Penso em como o passeio pedagógico pode se tornar uma **ferramenta** para uma boa aprendizagem. (P7)

Penso em passeio escolar com **intencionalidade direcionada** para alguns conteúdos a serem trabalhados durante o passeio e/ou durante a sala de aula. (P5)

Penso numa forma prazerosa de **construção** do conhecimento, o aluno inserido no ambiente da aprendizagem, terá muito mais interesse e êxito na aquisição dos saberes. As relações entre os pares e com o professor também têm ganhos efetivos. (P13)

O Participante 13, afirma que a aula-passeio além de ser prazerosa, pode contribuir na construção de conhecimento. A palavra *construção* pode ser compreendida como mais um significado/sentido atribuído ao termo aula-passeio. Essa ideia de construção se aproxima da noção de ação, ou seja, não é algo pronto, definido, mas em processo. Algo que convida à participação coletiva. Uma participação que pode se dar pela exploração, conforme apresentado nas respostas a seguir:

Penso em investigações, realizadas pelas crianças e mediadas pelos educadores(as), fora da escola. É a oportunidade de ofertar espaços educadores na cidade, no bairro, na rua onde fica a escola. Entendo como aula-passeio a **abertura da visão de mundo**, pois precisamos afirmar que nossas escolas muitas vezes são limitadas de aprendizagens para além da "sala de aula." (P3)

No aprendizado livre das amarras de uma sala de aula tradicional, onde o que for visualizado, sentido e vivido será usado como ferramenta para o desenvolvimento da aprendizagem, de forma geral. Aprender vivendo realmente o local estudado na prática. Desenvolvimento da socialização do sujeito. (P11)

Mesmo com algumas relações ao espaço geográfico, ferramenta e dualidade entre teoria e prática, destaquei as respostas dos docentes P11 e P3, pois eles afirmam que se aprende vivendo o local estudado e pode-se produzir uma abertura da visão de mundo. A defesa de Freire (1967) era por uma educação de liberdade, contrária a qualquer forma de opressão, buscando pautar a importância de uma educação dialógica, participativa, reflexiva, ética, e que levasse sempre em consideração os saberes prévios dos alunos e a sua relação com a comunidade em que é inserido.

Deste modo, ao oportunizar esses espaços para os alunos, podemos estar construindo novas formas de aprender. Trata-se de aprendizado que vai além das disciplinas, falo sobre aprender sobre o mundo, saindo do papel do professor que só transmite o conhecimento. Essa educação, pautada nos princípios emancipadores, respeita a cultura e as adversidades e pode ser um espaço “lúdico”, como apontou o Participante 1.

Os significados/sentidos analisados nesta seção, nos provocam a pensar qual o lugar da aula-passeio na prática pedagógica docente. Deste modo, apresento na seção seguinte uma análise sobre esse aspecto.

4.2 Aula-passeio e a prática pedagógica

Nessa seção, articulo as respostas da segunda pergunta do questionário com o terceiro objetivo específico – verificar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas para a promoção de aulas-passeio. Deste modo, foi possível observar, nas respostas docentes, que remetem aos conhecimentos teóricos sobre o tema, ou seja, como a prática da aula-passeio aciona possibilidades, ou não, de promoção da aprendizagem. Ainda, analisar como é organizado o planejamento para a aula-passeio.

Partindo da ideia, não de um planejamento com roteiro fechado, mas com objetivo de verificar como os docentes organizam e relacionam a saída na aprendizagem dos discentes. Além disso, é interessante perceber que a metodologia da aula-passeio, pode ocasionar muitas potencialidades ao oportunizar a experiência de conhecer outros espaços. Através da relação que estabelecem com esses lugares, os alunos podem ser marcados afetivamente e podem colaborar na construção de cidadãos que se sentem encorajados a aprender de forma

autônoma, no sentido crítico e reflexivo. Sobre essas construções, oportunizadas pela aula-passeio, uma Participante escreveu:

A aula-passeio está presente em meu planejamento como espaço de investigação e de desemparedamento, com a intencionalidade (do/a professor/a) que as crianças colem e tragam elementos para dar continuidade às nossas investigações e projetos. (P3)

É possível perceber que através desta afirmação, que aborda o papel pedagógico, busca-se desenvolver o protagonismo da criança, através do que a participante chamou de “desemparedamento” da sala de aula. Buscando considerar os elementos que as crianças acham interessante para investigação, propondo como uma continuidade de projetos. Esse processo pode ser compreendido como um espaço lúdico e articulado com os conteúdos, como apresentam as Participantes a seguir:

Fazendo aulas lúdicas e atraentes para chamar a atenção dos alunos. (P1)

Através do conteúdo a ser trabalhado, se inclui a aula passeio quando possível. (P2)

Quando convidadas, pela ludicidade ou pela oportunidade de experimentação, as crianças, como seres autônomos, que investigam, que questionam, exploram e compartilham seus aprendizados, passam a ocupar um papel de protagonista no processo educativo. Trata-se de uma proposta pedagógica onde todos os sujeitos envolvidos, participam e se responsabilizam pelo processo. Assim, destaco a fala de dois Participantes que tratam do contexto e das escolhas didáticas e metodológicas para o desenvolvimento das aulas-passeio:

Através de um certo tema abordado, realizando observações, registros fora da sala. Ou ainda levando materiais para exploração em ambientes onde as crianças se sintam fora de "quatro paredes". (P4)

Acredito que a partir do passeio podemos proporcionar aos alunos uma aprendizagem

lúdica em qualquer área de conhecimento. O passeio pode ser no bairro da escola ou até dentro da própria escola, não precisa ser algum lugar longe. (P5)

Essa é uma importante análise que se tem do entrevistado P5, que a partir do passeio pode-se proporcionar aprendizado em qualquer área de conhecimento, assim como o aprendizado através do espaço que o sujeito está inserido. Freinet (1968), ao explicar a sua técnica da aula-passeio, afirmava que essas eram realizadas nas redondezas da escola, nos bairros em que seus alunos moravam. Através do que se encontrava na natureza, eram realizados os estudos para a sala de aula.

O método natural de aprendizado parte, segundo Freinet (1968) da escola, respeita as necessidades de criação dos alunos, do social, do meio vivido por elas, aprendendo através de uma motivação afetiva. Freire coloca o diálogo como prática essencial para o aprendizado coletivo, propondo também a educação através do diálogo.

Penso que deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não podemos, não devemos entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos amigos. Isto faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico, do caminho para nos tornarmos seres humanos (FREIRE, 1986, p. 64).

Para promover o diálogo, proposto por Freire, faz-se necessário escutar o que os alunos têm a nos dizer, ou seja, atentar para os conhecimentos prévios destes alunos. Compreendo que o diálogo pode ser produzido por meio da experimentação promovida pela aula-passeio, assim, ao se deparar com lugares fora do espaço escolar, o sujeito poderá se sentir tranquilo e pertencente daquele espaço, que pode não ser do seu convívio habitual. Através da escola, poderá narrar o visto, o vivido, não somente através da fala do outro.

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. A aula-passeio pode ser como pesquisa para determinado projeto, ou ponto de partida para uma investigação, sobre um tema, ela é meio, é possibilidade. Paulo Freire (2010, p. 16) destaca: "Pesquisa para constatar, compreender, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade".

Um dos participantes afirmou que não utiliza “esse tipo de prática” (P7), pois sua disciplina é muito específica, no caso dele, atua com o ensino de língua estrangeira. A primeira questão da minha análise se relaciona com os significados/sentidos que abordei no

capítulo anterior, ou seja, não se trata de uma redução instrumental dessa atividade. A segunda questão, é dizer que uma metodologia só serve para determinada área do conhecimento. Considero importante colocar o meu posicionamento quanto a importância de se realizar a aula-passeio, independente de especificidade de um ou outro componente disciplinar muito específico.

Aprender fora da sala de aula é justamente relacionar a vida, no seu cotidiano, com o que se aprende, ou seja, quando idealizamos aprender uma outra língua, normalmente se pensa em poder conversar com outras pessoas, saber ler a língua estrangeira. Pensando que muitas placas de espaços culturais e espaços públicos utilizam dois idiomas, poderíamos apontar a possibilidade de uma aula-passeio nesses espaços para praticar, por exemplo, os conhecimentos da língua inglesa.

Entendo que cada docente organiza a sua prática dentro de escolhas metodológicas, nas pensar outras possibilidades de intervenção podem colaborar no desenvolvimento dos alunos. Contudo, Frison e Schwartz (2002, p. 123) afirmam que “no contexto escolar o professor é o principal responsável pela articulação dos fatores que motivam o aluno a buscar, a pesquisar e a construir conhecimentos, pelo estímulo em tornar a aprendizagem dinâmica e inovadora”.

Sobre a presença da aula-passeio no planejamento docente, destaco as respostas da pergunta: “Como a ‘aula-passeio’ está presente em sua prática pedagógica?”

No geral em museus e universidades, trabalho previamente a teoria em sala de aula e vivências mais práticas na saída. (P8)

Sim. Principalmente para eventos culturais (por exemplo: Feira do Livro e etc). (P10)

A Feira do Livro, espaço riquíssimo de cultura, pode ser, também, um lugar para adquirir o seu primeiro livro. Um espaço colorido, com cheiro de livro, muitas possibilidades de conhecer autores, visitar um espaço da cidade, ou das cidades, que se transforma em muitas possibilidades através da Feira. Eventos como esse, nos convidam à leitura e/ou provocam o desejo de querer um livro para dizer que é seu.

Lembro de uma ocasião, que fui na Feira do Livro de Porto Alegre com a minha escola e, neste dia, participei da entrevista que o autor Ziraldo, autor do livro “Menino maluquinho” estava realizando na Feira. Foi a primeira vez que descobri o significado de um

autógrafo. Não tem como dimensionar o que se pode aprender em uma aula-passeio, pois o professor organizará e planejará o que pretende mostrar aos seus alunos, mas se ele estiver aberto a escutar às narrativas que surgirão após o evento, poderá compreender que se aprende sobre o mundo, sobre a mágica da experiência subjetiva que carregamos nas nossas imaginações.

Destaco o apontamento do entrevistado P11 para um olhar para um tema que não foi explorado na época de Freinet, qual seja, a articulação com a aula-passeio e a prática pedagógica na Educação Especial. Acreditando e defendendo as políticas de inclusão, faz-se necessário a atenção ao atendimento dos alunos com deficiência na promoção da aula-passeio. Esses alunos são parte da escola, da turma, sua presença e participação são questões indiscutíveis na promoção da educação.

Os espaços, públicos e privados, precisam ser frequentados por todos de forma democrática e equitativa. Para garantir a promoção da cidadania, é necessário que os sujeitos tenham as mesmas oportunidades de participação e desenvolvimento. Sobre o papel da aula-passeio no planejamento e no desenvolvimento dos alunos, a Participante afirmou que:

Na educação especial de forma a preparar o aluno para uma vida prática, partindo do que já foi aprendido, desenvolver novas situações de vivências, no caso (Educação Especial) muitas desconhecidas por serem pessoas com deficiência intelectual e pouca socialização. As atividades envolvendo saídas pedagógicas desenvolvem sentimento de autonomia nos educandos que recebem significativa proteção familiar. Aprendem em situações reais da vida diária. (P11)

A partir desta fala, reforça-se a ideia que oportunizar aos alunos com deficiência uma aula-passeio, para que possam minimizar suas dificuldades, pode significar a oportunidade de desenvolvimento de si no mundo. Através do conhecimento e do sentimento de pertencimento a esses espaços de socialização, o sujeito se sente parte do todo e as famílias podem se sentir mais seguras. O professor pode construir com seus alunos o diálogo, para que esses se sintam confiantes na sua relação com a sociedade e na sua construção subjetiva, assim, a “confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na pronúncia do mundo” (FREIRE, 1987, p.46).

Além do que já coloquei ao longo da seção, outras respostas apontam para a promoção de uma prática significativa pensada pela escola. Seguem as respostas:

Através dos objetivos norteadores para uma prática significativa. (P12)

Normalmente a aula-passeio já está no planejamento anual da escola, se faz um projeto, à várias mãos, que contemple as habilidades e competências para a etapa. (P13)

A partir das respostas analisadas nesta seção, é possível afirmar que a aula-passeio está presente na prática e no planejamento pedagógico docente de diferentes formas, seja relacionado a um ambiente específico ou a um conteúdo que se pretende trabalhar. Mesmo com uma resposta de uma participante que afirma não utilizar a aula-passeio em razão das características da sua disciplina, a maioria dos participantes descreveu como uma possibilidade de relação com o mundo, a partir da experimentação e criação. Sobre a relação entre significados/sentidos e a prática docente, na seção seguinte apresento as memórias produzidas pelas aulas-passeio.

4.3 Memórias afetivas como discente e/ou docente sobre uma aula-passeio

Por fim, a última pergunta, buscou compreender aspectos das experiências em suas inscrições na prática docente e/ou lembrar, de forma afetiva, algum episódio marcante de uma aula-passeio. Entendo que toda prática docente é mobilizada por saberes, por sentimentos, construindo e nos constituindo, tanto no percurso formativo, quanto na prática pedagógica.

A palavra memória abrange uma ampla gama de significados no dicionário, a memória provoca sentimentos bons ou ruins no ser humano. A intencionalidade da terceira pergunta para os entrevistados foi de provocar uma lembrança da sua infância ou do seu papel como educador ao proporcionar ou experimentar a aula-passeio.

A noção de afetividade, por sua vez, relaciono com a possibilidade de produção de uma aprendizagem significativa. Segundo Piaget (1999), a afetividade é um elemento importantíssimo para o processo cognitivo dos seres humanos, pois o intelecto é acompanhado por sentimentos que são os responsáveis pela motivação ou desenvolvimento condutor da sabedoria.

É interessante analisar que na participação da pesquisa, dois participantes descreveram sobre suas lembranças da aula-passeio realizadas fora do município de Porto Alegre, sendo então no município de Rio Grande e outra na Quinta da Estância - Viamão. Além disso, observou-se que dois participantes colocaram em suas respostas, lembranças de quando discentes, lembrando um passeio do Ensino Fundamental e o outro participante, a sua lembrança do Ensino Médio. Conforme apresentado nas respostas a seguir:

Como discente, fui a alguns passeios, mas entre eles o que mais me marcou foi ter ido na Quinta da Estância na 8ª série. Foi um lugar muito bacana e diferente do meu cotidiano, é algo que nunca vou esquecer por ter vivido algumas experiências que só vivi lá até hoje. Sinceramente não lembro quais atividades foram realizadas na escola a partir deste passeio, mas **eu lembro que foi o melhor de toda a minha vida escolar!** Como docente, lembro de um passeio em uma Granja em Porto Alegre com alunos do 4º ano e eles ficaram maravilhados, como exemplo, a grande maioria dos alunos viram galinhas, chegaram perto de cavalo e fizeram mini-trilha **pela primeira vez na vida!** Acredito que além de proporcionar essa experiência para os alunos, de viverem coisas novas e formar memórias, o passeio é enriquecedor para ser usado durante a aprendizagem deles dentro da sala de aula. (P5)

Lembro-me de uma vez que tive a oportunidade de aprender no ensino médio quando fui num museu de história, foi bem legal! Além da turma interagir com a professora, o aprendizado foi mais leve e lúdico. (P9)

Essas lembranças descritas pelos entrevistados tanto como no papel de docentes e/ou discentes foram muito importantes para a pesquisa, pois para além de analisar as respostas, oportunizou para que pudesse explorar os espaços utilizados por eles. Além disso, contribuíram ao colocarem o que cada espaço significava nos seus planejamentos pedagógicos com a aula-passeio. Coloco então as respostas das lembranças, para através das narrativas dos participantes, podendo observar as relações deles e suas impressões com a turma no desenvolvimento da aula-passeio no planejamento pedagógico.

No DMAE, onde os alunos se admiraram sobre como a água chega na estação e a

qualidade da água no final do processo. (P2)

Nesse relato do participante P2, podemos perceber como a saída, como aponta Paulo Freire (1996), pode ser significativa e colaborar para a compreensão sobre algo. Através da experimentação, como defende Freinet (1975) em suas técnicas, é possível relacionar a aprendizagem com o que é do cotidiano, trazendo mais sentido, para que o aluno aprenda, buscando estabelecer um paralelismo entre a vida e a escola. Deste modo, destaco a narrativa de uma participante que conta sobre a produção do “coisário”:

No ano de 2010 trabalhei em uma escola na comunidade da Vila Pelin, no Bairro Tristeza. Realizamos aulas passeio com as crianças na Aldeia indígena do Morro do Osso e também na beira do Lago Guaíba.

As crianças carregavam consigo "sacolas", para coletarem elementos no percurso. Estes elementos, na sua maioria eram naturais, e posteriormente pesquisamos em salas.

Foi construído um " Coisário", no corredor para todas as crianças da escola, e a cada aula passeio íamos acrescentando o material coletado, junto com as representações (desenhos, modelagem, escritas espontâneas...) das investigações realizadas pelas crianças em sala.

Uma lembrança interessante foi quando encontramos um "crânio" de cachorro e ouvindo as hipóteses das crianças desenvolvemos um projeto de escola por um longo período de tempo.

(P3)

A produção do “coisário”, das coisas que encontramos, e que encontramos pelos lugares por onde circularam tem importância, por pelo menos dois motivos: 1) provoca os alunos a desenvolver uma investigação sobre o que ele coletou; 2) pode ser considerado uma manifestação material das memórias e aprendizados. Assim, é possível que vejam os lugares e objetos de outra forma. Outra experiência sobre o olhar, sobre os modos de ver as coisas e espaços, inclusive dentro da escola, é a resposta do participante que destaco a seguir:

Com uma turma de educação infantil, nível pré B, crianças de 5 anos, em sala foi confeccionado um binóculos de sucata que logo após foi usado para observação fora da sala de um espaço sem uso na escola, com o intuito de construir uma espaço recreativo. Após a observação, no pátio da escola, em um papel grande, as crianças desenharam como

gostariam que fosse esse espaço recreativo. (P4)

Explorar e refletir sobre o que está próximo, como o pátio da escola, colaborar para a construção de sujeitos autônomos e participativos, mas o que dizer sobre uma resposta na qual o participante afirma não ter nenhuma lembrança? Seria pela falta de oportunidades no percurso discente ou pela forma como escolhe organizar a sua prática docente? Enfim, perguntas que não serão respondidas pela imaginação da pesquisadora. A centralidade da minha pesquisa é o debate sobre a aula-passeio que, segundo a maioria dos participantes, contribui para o aprendizado significativo, através da experimentação. Sobre essa possibilidade de experimentação, uma participante conta sobre uma ida ao *shooping*:

Proposta educativa de socialização para uma turma de oito alunos, entre eles: alunos com TGD não orais, Autistas Severos e PC cadeirante. Questão social bem significativa, alguns não haviam até o momento participado de saídas com as famílias. Receio do comportamento, sensibilidade e qualquer reação adversa que pudesse ocorrer. Famílias sem estrutura emocional para realizar atividades de lazer.

A saída foi realizada com sucesso: visita ao shopping, sessão de cinema e lanche na praça de alimentação. Trabalhamos: autonomia, emoções, cooperação, cuidado com o outro, controle dos impulsos sobre os alimentos, controle das reações ao som alto, confiança da família em autorizar a saída e acreditar no potencial do educando. (P11)

Na fala da participante observa-se a referência à produção da autonomia oportunizada, mediada pela aula-passeio a um espaço de circulação pública, mas que nem sempre é frequentada por todos. Na mesma linha de defesa da aula-passeio, como proposta ativa de formação, o risco de redução à ideia de “lazer” está presente em alguns contextos escolares, como destaco a seguir:

Quando estava dando aula de vertebrados para o oitavo ano e fomos ao zoológico foi uma vivência muito boa para eles, embora a direção tenha visto somente como um passeio de lazer. (P8)

Apesar de ser um desafio para muitos docentes, é necessário refletir sobre a conduta do educador na promoção de atividades como essas. Pensar na organização de atividades para a promoção de uma educação libertadora, através da experimentação, exige um posicionamento político-pedagógico na defesa daquilo que se acredita para a educação.

Nos trechos a seguir, apresento alguns destaques sobre lugares onde foram produzidas aulas-passeio:

Uma saída de estudo muito propositiva foi ida ao **Jardim botânico** (com guia conduzindo visita), com turmas de 6º anos. (P10)

O **arquivo público** do estado recebe visitas de estudantes e mostra documentos incríveis sobre as histórias gaúchas, meus alunos ficaram fascinados! (P12)

A escola que trabalhei, faz todos os anos uma aula-passeio no **museu oceanográfico** em Rio Grande. Os alunos gostam muito, depois do passeio é preenchido um “diário de bordo” em que eles relatam as aprendizagens vividas. É um momento de grandes vivências, tanto cognitivas como afetivas. (P13)

Além desses destaques nesta parte final, foi possível mapear, ao longo de toda a pesquisa, com a participação dos docentes, espaços e ambientes que estes costumam ou costumavam frequentar. São esses¹:

- DMAE;
- ALDEIA INDIGENA DO MORRO DO OSSO EM PORTO ALEGRE;
- BEIRA DO LAGO GUAÍBA;
- QUINTA DA ESTÂNCIA - VIAMÃO;
- UMA GRANJA EM PORTO ALEGRE;
- ZOOLOGICO;
- MUSEU DE HISTÓRIA;
- JARDIM BOTÂNICO;
- SHOPPING (CINEMA E PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO);

¹ A lista com os endereços dos locais mencionados encontra-se no Anexo I.

- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO;
- MUSEU OCEANOGRÁFICO DE RIO GRANDE;
- FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE

Nesse momento da escrita, é difícil não relacionar esses espaços com a minha formação discente. Muitos desses planejamentos pedagógicos citados pelos docentes, eu também tive a oportunidade de conhecer somente através da escola, pois a minha família também não conhecia espaços como museus que são gratuitos e que qualquer cidadão pode entrar e conhecer. Essas lembranças compartilhadas pelos entrevistados, me proporcionaram o prazer e a alegria de saber que muitos dos docentes entrevistados lembraram de momentos afetivos, marcantes e que carregam isso para os seus planejamentos pedagógicos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar a escrita desta pesquisa, retomo seu objetivo geral – conhecer e analisar as percepções docentes sobre a aula-passeio na sua prática pedagógica. Diante das discussões realizadas ao longo do trabalho, é possível inferir que as narrativas apontam para uma compreensão da aula-passeio como uma possibilidade de saída do espaço escolar, oportunizando outros aprendizados pela experimentação. Ainda, considerando as questões da presença da metodologia na prática pedagógica, essa se constitui como uma prática que coloca o aluno como sujeito participativo no processo de aprendizado. Neste sentido, contribui para a exploração e construção da sua autonomia.

A aprendizagem através da aula-passeio, a partir do que foi analisado, depende de alguns fatores, como o planejamento do docente, política pedagógica da escola, e a valorização da prática pelo docente no processo de formação dos seus alunos. Através da pesquisa, foi analisado que o planejamento para a promoção da aula-passeio, quando relacionado aos significados/sentidos, apontam para a promoção de um aprendizado do aluno, na relação que ele vive, e, ainda, como sujeito que conhece o espaço que habita.

Muitos novos desafios surgiram com o retorno às escolas, depois do distanciamento social, ocasionado pela COVID-19 no Brasil, tanto para os docentes como para os discentes. Nesse sentido, pensar na educação através da aula-passeio, é inovar e construir coletivamente uma educação que respeite a subjetividade, o histórico social do aluno e que contribua para um aprendizado lúdico, significativo, com cooperação na relação com o coletivo.

Nessa perspectiva podemos pensar em um novo olhar para os modelos da educação. Talvez seja importante analisarmos os currículos da educação brasileira para verificar as necessidades de alteração. Conforme José Pacheco (2014), quando aborda a questões do aprender em comunidade, nos provoca a pensar sobre o papel da escola e sobre o que seria uma escola. Ele afirma, que uma escola não deveria ser vista como um espaço que serve só para determinadas pessoas ocuparem, mas sim um espaço que convida a aprender, que ensina e dialoga com a sociedade. Pacheco (2014), nos mostra que a escola são pessoas, que compartilham aquilo que sabem e aprendem coletivamente. Neste sentido, pensar a aula-passeio, mesmo que adjetivada na produção de Freinet, citada ao longo desta pesquisa, significa falar de aula, em qualquer contexto, em qualquer território.

A educação não pode seguir um único modelo, podemos pensar no currículo educacional, mas através dele trabalhar e pensar nas propostas que conversem com a realidade

da comunidade em que a escola está inserida, respeitando o histórico social delas. Além disso, trabalhar com a educação, através do interesse dos alunos, proporciona um aprendizado significativo, e o aprender e o querer aprender não acontece só em uma sala de aula, ou dentro dos muros da escola, ela acontece na relação entre pessoas e no que o aluno se sentiu provocado a aprender ou querer até mesmo explicar ao docente aquilo que sabe.

Segundo Oliveira (2002, p. 45), as crianças necessitam de um espaço diferente do ambiente familiar e do ambiente escolar tradicional, buscando potencializar o que o discente traz em sua bagagem, na relação com o mundo, permitindo potencializar a sua autonomia e seu senso crítico.

No presente trabalho, a partir da problemática que eu havia estabelecido, é possível afirmar, que através do ensino fora da escola, além de ser uma ótima ferramenta de ensino, ela também pode ser a transformação na construção de um cidadão que conhece os seus direitos e que se sinta parte da sociedade.

Esse trabalho, tal como a noções de aula-passeio cunhada por Freinetiana, é um convite. Um convite para professores e professoras que atuam em diferentes contextos educacionais. Trata-se de um convite à interdisciplinaridade, pois nos exemplos dos trabalhos apresentados, pude reconhecer, como estratégia, que professores, em cooperação, podem escolher um tema, como por exemplo “Meio Ambiente” e através dele articular saídas em uma praça, ou no próprio DMAE, como colocado por uma das participantes da entrevista.

Um trabalho que envolve diferentes áreas de conhecimento em cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento. Atividades de interação entre professores, conteúdos e alunos das várias áreas. Várias teorias que permeiam o processo ensino-aprendizagem e através da sua prática a demarcação de novos espaços de ensino na metodologia da aula-passeio. Para isso, a defesa da escola como um espaço democrático e emancipador faz-se cada vez mais necessária. Por isso precisamos manter a luta para a permanência de uma escola democrática com todos os envolvidos.

Ao me encaminhar para as palavras finais, não poderia deixar de retomar o meu interesse em pesquisar sobre o tema. Interesse que surge pela minha experiência escolar, pelas vivências que a escola me proporcionou. Quantos alunos e quantas alunas têm na escola a oportunidade de analisar o seu meio e ocupar outros espaços que para eles pareciam inalcançáveis? Ao analisar e provocar discussões sobre o tema, sempre tive em mente a possibilidade de ouvir os professores e provocar a construção de mais momentos como aqueles narrados.

Nessa perspectiva, pretendo então, como futura professora, oportunizar momentos

como esses narrados. Promover espaços de experiência para o desenvolvimento de cada um. É pelo riso, espanto, curiosidade, novidade, que produzimos aprendizado. É no respeito aos interesses dos nossos alunos que podemos pensar em uma educação libertadora pela ampliação do repertório cultural, social e afetivo com base no respeito à singularidade.

Dessa forma foi possível observar que a maioria das narrativas apontam para uma argumentação que tratou da aula-passeio como um espaço de construção de conhecimento e reconhecimento da prática, como dito anteriormente, como um ato político. Trata-se de uma escolha, um caminho, uma possibilidade na prática pedagógica. A escolha de determinadas práticas se dá pela crença e nos embasamentos teóricos que o docente desenvolveu no seu percurso profissional.

Para finalizar, gostaria de deixar uma provocação, provocação que acompanha o meu percurso formativo, que me trouxe até as linhas finais do meu TC, qual seja: como esses espaços, fora do ambiente escolar, poderiam transformar-se em um espaço educacional, buscando proporcionar aos alunos um aprendizado mais significativo e ativo? Para mim, o caminho é o professor, dentro da sua prática, dentro das suas possibilidades, mas fica o questionamento, como um desafio à prática docente.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Joeliza Nunes. **Aprendizagem significativa de botânica em laboratórios vivos**. UFRGS, 2014. 229 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso, 2014. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2168248. Acesso em: 12 de jan. de 2021.
- BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de; VIEIRA, Andréia Maria de Souza. A aula-passeio como experiência vivida: Freinet no ensino superior. In: **XII EDUCERE**, Congresso Nacional de Educação, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25049_13216.pdf Acesso em: 05 de fev. de 2022.
- ELIAS, Marisa del Cioppo. **Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação**. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FREINET, Elise. **O Itinerário de Célestin Freinet: A livre expressão na pedagogia Freinet**. Rio de Janeiro: RJ-Francisco Alves, 1979.
- FREINET, Celestin. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.
- FREINET, Celestin. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Trad. Silva Letra. 4ª ed. Lisboa: Estampa, 1975.
- FREINET, Celestin. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREINET, Celestin. **Para uma Escola do Povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1966.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Paz e Terra,
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor**. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; SCHWARTZ, Suzana. Motivação e aprendizagem: avanços na prática pedagógica. **Ciências e Letras, Revista da Faculdade de Porto Alegre**, n 32, p. 117-131, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Pedagogia Freinet: a atualidade das invariantes pedagógicas**. Porto Alegre: Penso, 2012.

LAZZARIN, Luís Fernando. **Pesquisa em Educação**. 1 ed. Santa Maria: Repositório Digital da UFSM, 2017b, 15 p. Disponível em: <
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15782/Licenciatura_Educacao_Especial_Pesquisa_em_educacao.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 10 de fev. de 2022.

LINHARES, Fernando Roberto da Costa. **Os significados de uma visita a um observatório astronômico**: um estudo baseado nas memórias e emoções de estudantes. UFMG, 2019. 431 f. Tese (Doutorado em Educação: Conhecimento e Inclusão Social) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em:
http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_02374aa3403bae9a3ce258456dd4e7d2 . Acesso em: 10 de fev. de 2022.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, maio/agosto. 2004. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27936>. Acesso em: 15 de mar. de 2022

OLIVEIRA - FORMOSINHO Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In. OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **Modelos de curriculares para a educação de infância**: construindo uma práxis de participação. Portugal, 2007. p.32-33.

OLIVEIRA, Marcela Ering Mafort de. **Incorporação do conhecimento tradicional pesqueiro discente às práticas pedagógicas para estudo da conservação da ictiofauna do rio pomba**. UFF, 2018. 63 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua, 2018. Disponível em: < <https://app.uff.br/riuff/handle/1/24394> >. Acesso em: 17 de jan. de 2021

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

PACHECO, José. **Aprender em comunidade**. 1. ed. - São Paulo : Edições SM, 2014.

PEREIRA, Joel dos Santos. **A paisagem que vejo e construo**: a aplicação da aula-passeio freinetiana como práxis da Educação Patrimonial em uma escola da cidade de João Monlevade – MG. UFV, 2018. 216 f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2018. Disponível em:
<https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/24614> Acesso em: 17 de jan. de 2021.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

RICACHESKI, Lissane Dolores. **Aula-passeio na EJA: mais que diversão, espaço de aprendizagem**. UFRGS, 2015. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/133596> Acesso em: 15 de jan. de 2021.

ROCHA, Katiúscia Soares Viana. **Do projeto manguezal às ciências do ensino fundamental: uma experiência pedagógica voltada para a sustentabilidade**. IFES, 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santos, Vitória, 2014. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1299594 Acesso em: 10 de jan. de 2021.

SILVA, Greice Ferreira da. **O leitor e o re-criador de gêneros discursivos na educação infantil**. UNESP, 2013. 315 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/106626> Acesso em: 15 de jan. de 2021.

SOUZA, Patrícia Pinheiro de. **Educação integral: significações do programa escola integrada para sujeitos da escola municipal Adauto Lúcio Cardoso**. UEMG, 2015. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3473600. Acesso em: 18 de jan. de 2021.

ANEXO I - LISTA COM ENDEREÇO DOS LOCAIS MENCIONADOS PELOS DOCENTES

DMAE: Departamento de Água e Esgotos

Endereço: R. 24 de Outubro, 200 - Moinhos de Vento, Porto Alegre - RS, 90510-000

Telefone: 3289-9696.

QUINTA DA ESTÂNCIA: Fazenda referência internacional em Turismo Ecológico, Educacional e de Eventos Corporativos

Endereço: cx - Estr. Estância Grande, 395 - Zona Rural, Viamão - RS, 94410-970

Telefone: 3485-1276

JARDIM BOTÂNICO:

Endereço: R. Dr. Salvador França, 1427 - Jardim Botânico, Porto Alegre - RS, 90690-000

Telefone: (51) 3320-2027

ARQUIVO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL:

Endereço: R. Riachuelo, 1031 - Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90010-273

Telefone: (51) 3288-1300

MUSEU OCEANOGRÁFICO DE RIO GRANDE:

Endereço: R. Capitao-Tenente Heitor Perdigão, 10 - Centro, Rio Grande - RS, 96200-580

Telefone: (53) 3231-3496